

Olá, amigos

A última vez que escrevi foi 21 de dezembro de 2007, véspera da chegada do Edilton e Eduardo. Desde então, não tenho escrito por que ou estava trabalhando ou passeando com eles. E é justamente desse período que temos as melhores histórias para contar.

Desta vez começo a escrever para vocês do avião, retornando ao Brasil e procurando me adaptar ao novo fuso. Invés de tentar dormir, preciso fazer de conta que é logo após o almoço. O que dá um soninho, do mesmo jeito.

Hoje, dia 3 de fevereiro, acordamos com uma grata surpresa: neve. É difícil nevar em Tóquio. Não é todo ano que neva, mas hoje nevou o dia todo. Fizemos questão de ir brincar lá fora: fizemos guerra de bolas de neve, boneco de neve. O Eduardo deitava naquele chão coberto de neve para fazer uma marca de “anjo”. Depois do quarto anjo que o Eduardo fez, criei coragem e também deitei no chão. A caminho do metrô para o aeroporto o Eduardo dizia: hoje é o dia mais feliz da minha vida. A neve tem um poder mágico impressionante.



Nossa primeira viagem pelo Japão foi para a região próxima ao Monte Fuji.



Lá ficamos hospedados num “ryokan”, um hotel estilo japonês. O que isto quer dizer? Para começar recebemos quimonos, chinelos e meias em que o dedão fica separado. Os chinelos devem ser usados pelo hotel. No quarto, descalços ou meias. Há ainda o chinelo específico do banheiro. Existem banheiras nos quartos mas que quase ninguém usa. Os banhos são coletivos em banheiras internas e externas, com água vulcânica super quentes. Outra surpresa eram as refeições: verdadeiros banquetes naquelas mesas sentados em almofadas, no chão. O café da manhã é quase um almoço, com arroz e peixe cru. Confesso, prefiro um cafezinho com pão. A comida japonesa é servida em pequenos pratos individuais. Numa das refeições contamos 13 pratos diferentes.



Os chinelos são um capítulo a parte. Num final de semana fomos jantar na casa de uma família japonesa. Na entrada tira-se os sapatos e fica-se de meia. O chão é aquecido. Daqui a pouco olho para os pés do Edilton e vejo chinelos. Ele trouxe para a sala os chinelos que se usam no banheiro. Lá vai ele devolver os chinelos para seu devido lugar.

O Eduardo pegou bem o jeito com as linhas de metrô. Quando estávamos indo para o campeonato de sumô, o Eduardo nos alertou: “Estamos em Ueno, já passamos Akihabara”. De fato, devíamos descer na estação de Akihabara e conversando, nos distraímos e perdemos a estação. Desce e volta uma estação. Outra situação que o Eduardo estava mais atento que nós foi na volta de Hiroshima. Chegamos à estação de trem e aguardávamos o trem-bala que chegaria em 7 min. O Eduardo estranhou a plataforma. Fomos perguntar e de fato estávamos no lugar errado. Foi um corre-corre mas pegamos o trem correto, graças ao Eduardo.

Para Hiroshima fomos de ônibus. Saímos de Tóquio às 21h de uma sexta e chegamos em Hiroshima às 8h da manhã. Tomamos um café na estação e fomos para o Memorial da Paz, o lugar onde explodiu a bomba em 1945. Passamos o dia no museu. Às 14h, nenhum de nós reclamou de fome, sede ou cansaço. Nem o Eduardo. No metrô em Hiroshima ficávamos comovidos de sentar ao lado de pessoas com mais de 65 anos de idade e imaginar que aquela pessoa poderia ter sofrido com os efeitos da bomba. No domingo, fomos à ilha de Miyajima, um verdadeiro paraíso onde os veadinhos passeiam soltos. Segundo o guia, é uma ilha sagrada, onde há ninguém é permitido nascer ou morrer lá. Não sei, de qualquer forma o *torii* (portal xintoísta) no mar na entrada da ilha é um dos cartões postais do Japão. Na segunda, feriado da maturidade, passamos no Memorial da Paz todo o tempo que tínhamos antes de retornar a Tóquio.



Um passeio clássico é a visita à cidade de Kyoto, antiga capital do Japão. São centenas de templos. Visitamos o que foi possível. Um dos mais famosos é o Kinkaku-ji, ou pavilhão dourado. Um que despertou nossa atenção foi o santuário Fushimi, com sua avenida de portais *torii*. A cena do filme “Memórias de uma gueixa” referente ao ritual de passagem da menina japonesa de olhos azuis que se transforma numa bela mulher parece que foi feita lá. Aliás foi em Kyoto onde mais vimos gueixas.



Visitamos também Kamakura, onde há uma estátua do grande buda, Iga Ueno, cidade dos ninjas. Fomos ao campeonato de sumô, ao teatro kabuki, vários parques de diversões onde encaramos umas montanhas russas de dar nó no estômago, visitamos museus, aquários, assistimos vários shows...



Bom, temos muitas histórias para contar. Aos poucos vamos colocando a fofoca em dia. O Eduardo comenta a toda hora: esta é a nossa melhor viagem. Concordo plenamente. Valeu nosso esforço, a distância, o tempo que passamos longe. Tudo foi compensado. Volto ao Brasil, apaixonada pelo Japão e sobretudo, apaixonada pela vida.

Encerro, agradecendo os emails, os contatos pelo *msn* e pelo *skype* que me ajudaram e tanto, me dando força e me fazendo não me sentir só num país de língua e cultura tão diferentes.

Um grande abraço a vocês que participaram comigo desta tão bela experiência. Obrigada.

Até breve!

Elizabeth

Algum lugar do Oceano Pacífico, 3 de fevereiro de 2008.